

Lumes

Todo o desejo visa o Infinito. Morre e ressuscita de não o atingir.

O Infinito trespassa o mundo nos sexos corações incendiados dos amantes.

Vens, Ó Deusa, nos olhos turvos de amor das tuas filhas. E eu amo-Te. Porque és indómita e não deixas o mundo em sossego. Porque não cessas de nos levar ao fundo de Ti. Porque nos sorves a alma para as coisas vastas e inconcebíveis.

Cada corpo humano é uma festa de deuses e deusas embriagados. Um arrebol de potestades em delírio. Uma vertigem de universos em expansão.

Tudo é Céu e Terra, Céu-Terra. Este Amor em que nos fazemos e desfazemos. E ao mundo connosco.

Em cada coisa há um Deus e uma Deusa num furioso enlace. Um Amor louco. E uma Saudade infinita.

O corpo é céu: primordial, luminoso e infinito. Sobretudo nas mais obscuras e febris entranhas.

A primeira comoção poética num coração adolescente varre como lixo toda a Literatura.

Escrever a tornar-se invisível. A escorrer para o Caos íntimo à palavra. Para o Abismo entretecido no diáfano pulsar do mundo.

Na fúria do mundo há Deus a libertar-se de o ser.

Castelo de São Jorge, ao entardecer. Uma velhota canta o Fado contra o Tejo, o Céu e o Infinito. Os turistas filmam e fotografam. Mas quem pode captar a Alma que se ergue ? E o espanto que há em tudo de ainda poder ser ?

Cantos apocalípticos, odes de antes e depois de haver mundo.

O mais fascinante do mundo é nunca existir.

A diferença que vês entre acender um fósforo e incendiar o mundo é o que te faz pensar que existes.

Tudo é inútil e vão: belo, poderoso, inultrapassável.

Sentimento finistérreo: mergulhar no Infinito por enjoo da terra firme.

Sentir-se em segurança por não a haver.

Há quem nasça por passar à reforma. Da Eterna Juventude. Do Incêndio de antes de haver início.

A cada instante estamos a tempo de nunca haver nascido.

Sê agora o fogo que queime estas palavras. O esquecimento que nos lave da ideia de sermos outros. O vento que tudo confunda e espalhe em todas as direcções do não a haver.